

O nosso companheiro Daily Luiz Wambier, por ocasião da posse da nova Diretoria do Clube Pontagrossense, proferiu a seguinte oração, em nome dos seus colegas:

"É conceito que não comporta mais controvérsia, a afirmativa do filósofo de que "o homem nasceu para conviver e não para viver". Simplemente vivendo, o homem se limita a existir. É mero algarismo das estatísticas demográficas. Um péso morto em face da Pátria, em relação à Sociedade e no que tange à Família.

Quem apenas existe não é útil a ninguém. O contrário ocorre com os que procuram e sabem conviver.

Geralmente, os que não convivem têm o seu comportamento delineado ao sabor das suas más inclinações e sob o domínio das suas paixões inferiores. Essas inclinações e essas paixões, de quem se limita a existir e não é útil a ninguém, são o fermento que faz crescer o egoísmo, que todos nós trazemos desde o berço, quando reclamávamos de nossos pais todas as atenções, todos os cuidados e todos os carinhos, como exclusivistas prepotentes.

A busca da convivência vem de longos anos. Da aurora do Mundo. O nosso ancestral, que se abrigava nas cavernas, depois de procurar a companheira para cumprirem a sua destinação terrena, logo tratou de buscar outros séres, para com eles estabelecer a convivência, isto é, criar o meio pelo qual cada criatura, estancando um pouco do seu egoísmo, possa tornar-se útil aos demais. E esta convivência mais se assinalava quando o troglodita se defrontava com crises graves para a sua existência.

Como ainda hoje acontece, o indivíduo se planta no egocentrismo que lhe é inato, quando vê a sua vida escorrer, suavemente, em leito macio e livre dos percalços que o fargam a apelar para a convivência.

Um defeito, por conseguinte, que o homem carrega há milênios, sem que a poeira dos séculos haja podido encobrir.

É de se crer que o Inferno está cheio de egoístas, eis que se trata de gravíssimo pecado, da fonte maldita de onde deflui, as catadupas, tóda a lodoso torrente de maldades, — essas sombras escuras a que os agrupamentos humanos estão sujeitos, que pontilham de negro a história da humanidade.

Forjando um sistema de vida perfeito, o homem fixou a seguinte trajetória para si mesmo. Saído do seio materno, onde o indivíduo implantou uma ditadura pessoal, vai à escola primária, para seu primeiro ensaio de convivência. Daí em diante tudo nos sugere convivência, tudo constitui um convite à companhia dos nossos semelhantes, tudo nos força a nos conduz a buscar contacto com os outros. O mau sentimento de egoísmo, com o qual se nos abriram os olhos para a vida, foi comprimido, mas não extirpado. Foi reprimido, mas não extinto. As vezes ele explode em ruindades, ao primeiro desculpo nosso, no enséjo primeiro que se lhe apresenta. Outras vezes permite que a bondade aflore, esplêndida de renúncia e compreensão, para as grandes e insopi-

## CONVIVÊNCIA

Daily Luiz Wambier

táveis realizações humanas, para os magníficos empreendimentos de interesse de todos, para os nobres cometimentos de benefícios gerais. É quando o despreendimento se casa com o espírito de sacrifício e transforma o homem num sér que pôde transpor os limites da vulgaridade para se aproximar do seu Criador.

Daí, pois, essa exigência imperiosa, que chama e conduz o indivíduo à convivência cada vez mais acentuada. Daí as sociedades de todos os tipos, para que se ponha em contacto com outras criaturas e se convença de que a verdadeira vida, afinal de contas, é conviver e não viver. Pois é da convivência que brotam as realizações de interesse geral. É da convivência que provém as edificações necessárias ao bem comum. É da convivência que derivam os cometimentos úteis a todos, afirmando o dever ou a necessidade de o indivíduo não se isolar nem viver individualmente, desfruindo, assim, a principal razão de sua jornada terrena.

Santo Agostinho, com essa precisão que apenas os eleitos possuem, já afirmava: "se os egoístas compreendessem as vantagens que tem o ser homem de bem, seriam homens de bem por egoísmo". Pois nenhum indivíduo pode reivindicar para si o título de homem de bem, ou melhor, de criatura útil aos seus semelhantes, se não soube reprimir as manifestações deletérias do seu egoísmo.

O Clube Pontagrossense, que é uma dessas magníficas afirmações de crença, de fé e de esperança no trabalho executado pelos homens animados do propósito de ser úteis, está varando uma fase delicada da sua longa caminhada. Sem sede própria, onde agrupar as pessoas para conviver mais intimamente, está a sociedade, neste instante, formulando caloroso apelo, no sentido de que se faça sentir, entre nós, a solidariedade de que todos carecemos para empreendimentos dessa natureza.

Solidariedade comprensiva e confortadora, como por exemplo, essa que o nosso preclaro patrício e prezado amigo, Dr. João Vargas de Oliveira, ilustre Secretário da Agricultura, acaba de emprestar ao nosso jovem e esperançoso Presidente, Dr. Orlando Justus, dizendo que está pronto a dar todo o amparo moral e material, de que o velho Clube de sua e de nossa terra carece, para construir a sua nova sede social.

As dificuldades que nos defrontam são grandes. Não as escondemos. Como não occultamos a enorme responsabilidade que estamos assumindo.

Teodomiro Santiago ensinava que "as dificuldades exigem para o homem vencê-las", transformando-as em realidades de interesse comum. O ensinamento nos serve. Será o nosso roteiro. A bússola a guiar as nossas ações. A crise será vencida, por certo. Crise séria, porque não está circunscrita às combalidas finanças do

Clube, considerando-se o que precisa deve realizar. Essa crise é, igualmente, de solidariedade social. De compreensão. De convivência. Crise séria, como dissemos. Parodiando Santiago, dirfamos que as crises nascem para que o homem as supere e derrote com a sua disposição de trabalho e com a sua imensa capacidade de pedir e servir.

Por isso, começamos pedindo. Com empenho, com insistência, com vigor e com veemência. Pedimos um crédito de confiança aos associados. Pedimos cooperação indistinta. Pedimos auxílio e ajuda de todos. Só não pedimos socorro, nem o pediremos, como naufragos que se perdessem entre as ondas bravias do oceano encapelado e raivoso. Porque a tal extremo Ponta Grossa não permitirá que cheguemos, nesta luta, que principia agora, de darmos uma sede para o Clube Pontagrossense, uma sede que não será nossa, mas truendo, assim, a principal razão de sua jornada terrena.

A diretoria que terminou o mandato, com exclusão do nome do obscuro de quem vos fala em nome da Diretoria que começa outro mandato, realizou muita

coisa. Pagou dívidas. Regularizou vários assuntos de monta. E fez o principal: jogou por terra o tabu pertinente ao velho edifício, que não mais servia aos fins para os quais fora construído. Destruindo o antigo casarão, essa diretoria construiu a estaca zero da nova sede. A ela, na pessoa de Arthur Nadal, Ildefonso Imthon, Enio Doná e outros, as nossas homenagens.

Permiti, agora, que vos fale na primeira pessoa gramatical:

Orlando Arthur Justus, novo Presidente do Clube, é um legítimo valor da nova geração pontagrossense. Sua excessiva modéstia esconde uma firmeza de propósitos incomum. Tem capacidade realizadora. Constranjo-o com estas palavras, mas isso não me importa. Conheço-o de longo tempo. Conheci-o bem quando trabalhávamos juntos na Faculdade de Filosofia de nossa cidade, sob as ordens do imenso e insubstituível Joaquim de Paula Xavier. E sendo Orlando Arthur Justus uma robusta esperança, justo é que lhe não neguemos apôlo, amparo e solidariedade. O que Arthur Nadal começou Orlando Arthur há-de concluir, se Deus quiser, de que lhe sejam deferidos os elementos de que precisa".